

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



História:

Tempo & Argumento


Atena
Editora
Ano 2022

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



História:

Tempo & Argumento

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: tempo & argumento

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: tempo & argumento / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0260-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.602222505>

1. História. I. Guilherme, Willian Douglas (Organizador).
II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O e-book “História Tempo & Argumento” traz um conjunto de estudos inéditos que apeteçam contribuir com o campo da pesquisa em história.

Nero e Evangelista Júnior, em sua pesquisa, investigam o “Monstro de Guaianases” que teria sido autor de pelo menos 29 crimes entre ataques sexuais e homicídios na cidade de São Paulo no período entre 1936 a 1952, um tema ousado, que levanta questionamentos que merecem a atenção do leitor.

No texto de Bandeira, há uma discussão pautada no medo que acompanha a sociedade brasileira desde a pandemia do século XIX. Por meio das charges publicadas na Revista Ilustrada, o autor traça um paralelo com a pandemia do século XXI, de COVID-19, buscando propor um equilíbrio para a vida em comunidade.

A imagem do caixeiro viajante ressurge no estudo de Vieira Filho, que traz sua importância social e econômica para o interior do Piauí, trazendo elementos da cultura material e imaterial que envolve o desenvolvimento econômico, político, social e cultural do Estado.

No artigo de Claro, a autora propõe seu olhar a partir do estudo da líder religiosa do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, Eugênia Anna dos Santos e seu papel educacional na resistência e luta negra em Salvador/BA.

No artigo de Lara, a autora discute o drama social vivido pela pandemia de COVID-19 e sua relação com a ocupação/desocupação do espaço acadêmico da UNEMAT, no município de Cáceres/MT, propondo como esse processo impactaria na trajetória acadêmica destes alunos.

A história da Universidade de Sorocaba foi registrada por Xavier e Pinto que pesquisaram o período de 1951 a 2021 apontando o crescimento da instituição em várias áreas, com destaque a extensão universitária.

Utilizando-se da história oral, Mendes e Marta pincelam a história da cena musical do rock em Vitória da Conquista/BA no período de 2000 a 2009. É uma importante oportunidade de conhecermos um pouco mais sobre esse gênero musical e sua presença no interior do Brasil.

Uma ótima leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

BENEDICTO MOREIRA DE CARVALHO (O MONSTRO DE GUAIANASES): CRIMINOSO OU DOENTE?

Carla Priscila Del Nero

Oswaldo Evangelista Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225051>

CAPÍTULO 2..... 13

CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL


Élcia de Torres Bandeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225052>

CAPÍTULO 3..... 26

A CULTURA MATERIAL E IMATERIAL DO CAIXEIRO VIAJANTE


Antônio Lopes Vieira Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225053>

CAPÍTULO 4..... 41

EDUCAÇÃO COMO LUTA E RESISTÊNCIA: A BUSCA DE EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS, A MÃE ANINHA DO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ


Silene Ferreira Claro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225054>

CAPÍTULO 5..... 51

ETNOGRAFIA E O ESPAÇO ACADÊMICO: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT, CAMPUS DE CÁCERES

Julio Cezar de Lara


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225055>

CAPÍTULO 6..... 61

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: UMA ANÁLISE DO PERÍODO DE 1951 A 2021 NA UNIVERSIDADE DE SOROCABA

Silvana Maria Gabaldo Xavier

Rafael Ângelo Bunhi Pinto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225056>

CAPÍTULO 7..... 77

MEMÓRIA E SUBJETIVIDADE DE UMA CENA MUSICAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL

Plácido Oliveira Mendes

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6022225057>

SOBRE O ORGANIZADOR.....	86
ÍNDICE REMISSIVO.....	87

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO COMO LUTA E RESISTÊNCIA: A BUSCA DE EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS, A MÃE ANINHA DO ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

Data de aceite: 02/05/2022

Silene Ferreira Claro

Pós-Doutora em História pela FFLCH-USP

<http://lattes.cnpq.br/6340896334304498>

Parte dessa reflexão fez parte do texto CLARO, Silene Ferreira. Narrativas e saberes do candomblé na construção da consciência histórica: a experiência decolonial da Escola Municipal Eugenia Anna Dos Santos. Simpósio Nacional de História (31: 2021: Rio de Janeiro, RJ) Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia /organização Márcia Maria Menendes Motta. 1. ed. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021.

RESUMO: O texto apresenta uma introdução e uma breve análise da atuação de Eugênia Anna dos Santos, líder religiosa do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, de Salvador, como mulher negra ligada a uma intelectualidade que, na década de 1930, discutia a identidade nacional e o lugar das populações negras nessa identidade. Procura-se destacar a visão de Mãe Aninha sobre o papel da educação como campo de luta e resistência das populações negras no seio das religiões de matriz africana.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Relações étnico-raciais; Mulher negra; Mãe Aninha do Opô Afonjá

EDUCATION AS A STRUGGLE AND RESISTANCE: THE SEARCH OF EUGENIA ANNA DOS SANTOS, THE MOTHER ANINHA OF ILÊ AXÉ OPÔ AFONJÁ

ABSTRACT: The text presents an introduction and a brief analysis of the performance of Eugênia Anna dos Santos, religious leader of the Terreiro de Candomblé Ilê Axé Opô Afonjá, in Salvador, as a black woman linked to an intellectuality that, in the 1930s, discussed national identity and the place of black populations in this identity. It seeks to highlight Mãe Aninha's view of the role of education as a field of struggle and resistance of black populations within religions of African origin.

KEYWORDS: Education; Ethnic-racial relations; Black woman; Mother Aninha of Opo Afonjá.

Essa análise faz parte de inquietações que surgiram durante as pesquisas que deram origem à tese de doutoramento intitulada “Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e mudanças na trajetória – 1934 – 1950)”, defendida em 2008. Durante as pesquisas, paulatinamente passou-se a observar como as questões étnico-raciais atravessavam os debates dentro da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo (RAM) e, desde então, procurou-se compreender melhor a construção de tais narrativas.

A ideia de nação, foi, especialmente durante as primeiras décadas do século XX, um tema de grande importância e longa e profundamente debatida por boa parte da intelectualidade brasileira, por um lado. Havia, também o interesse naquela discussão por conta dos objetivos, dos projetos políticos, daqueles que assumiram o comando político do país e de São Paulo, o que nem sempre era unânime.

Tratava-se, então, especialmente a partir da década de 1930, de conduzir o Brasil à condição de Estado-Nação conforme a modernidade havia concebido. Para atingir tais objetivos, a diretriz estabelecida foi a de identificar, caracterizar e valorizar a chamada “raça brasileira”, ou aquilo que fosse reconhecido como positivo como resultado da mestiçagem. As teorias raciais, ditas científicas, assim como as propostas higienistas e sanitaristas eram importante fontes de inspiração das elites.

O Brasil, saído do sistema escravista havia poucas décadas, era ainda um país arcaico e com imensas dificuldades para inserir-se no capitalismo liberal e constituir-se em Estado Moderno. Para atingir tais objetivos, precisava organizar-se, política e economicamente. Para as elites, um dos grandes empecilhos para que o país adentrasse na modernidade, dentro dos moldes do capitalismo liberal, era a própria população brasileira, marcada pela mestiçagem. (CLARO, 2021, p. 78-79)

A busca pelo entendimento de como os debates que articulavam as questões étnico-raciais com a construção da identidade nacional, juntamente com a estruturação e profissionalização dos campos acadêmicos, especialmente em São Paulo, levou à análise da rede de intelectualidade que se formou e, durante a primeira metade do século XX. Aquela rede de pensadores, muitos ligados à recém-criada Universidade de São Paulo, à instituições como a Escola Livre de Sociologia e Política, ao Departamento de Cultura, à Sociedade de Etnologia e Folclore, por exemplo, utilizou-se, dentre outros, a RAM como espaço de circulação de ideias. Entre os autores destacamos nomes como os de Arthur Ramos, Aydano do Couto Ferraz, Donald Pierson, Jorge Amado, Melville J. Herskovits e Edison Carneiro, todos ligados à organização dos Congressos Afro-Brasileiros realizados em 1934, 1937 e 1940. (CLARO, 2021)

Dentre a intelectualidade que fazia circular suas ideias pela RAM, destaca-se a figura de Edison Carneiro, importante articulador entre os pesquisadores – brasileiros e estrangeiros – amplamente influenciados pelo culturalismo estado-unidense que buscavam entender e reconstruir a situação das populações afrodescendentes na diáspora num contexto de organização das Ciências Sociais no Brasil (SILVA, 2012). Edison Carneiro teria sido o grande responsável pela articulação entre aquela intelectualidade e as lideranças africanas, especialmente em Salvador. Dessa forma, Eugênia Anna dos Santos, a Mãe Aninha, liderança religiosa do Terreiro *Opô Afonjá*, torna-se importante informante de Edison Carneiro, abrindo-lhe as portas do mundo do Candomblé, enquanto espaço de afirmação de identidade e de resistência.

Essa negra alta, disposta, falando claro e corretamente, o beijo inferior avançando em ponta, era bem o expoente da raça negra do Brasil, síntese

feliz da soma de conhecimentos da velha Maria Bada e da agilidade intelectual de Martiniano do Bonfim.

Edison Carneiro. Apud LIMA, 2004.

[...]

A recepção excedeu a expectativa, pois em vez de uma simples mãe-de-santo que se mostrava favorável ao Congresso, encontramos uma mulher inteligente que acompanhava e compreendia os nossos propósitos, que lia os nossos estudos e amava a nossa obra.

[...]

Posso dizer o mesmo do seu apoio à União das Seitas Afro-Brasileiras, fundada a 3 de agosto de 1937, com o fim especial de defender a liberdade religiosa sempre periclitante do candomblé da Bahia.

Edison Carneiro. Apud LIMA, 2004.

A negra a qual Edison Carneiro se referiu era Eugênia Anna dos Santos, que nasceu em 13 de junho de 1869, em Salvador, na Bahia, filha de Sérgio dos Santos, *Aniíó*, e Lucinda Maria da Conceição, *Azambrió*. As palavras são formas de tratamento carinhoso do idioma nativo de seus pais, ambos da etnia *grunce*, originária, “um povo que ainda hoje habita as savanas do norte de Gana e do sul do Alto Volta e que nenhuma relação mantinha com os iorubás até o tráfico negreiro” (LIMA, 2004, p. 210).

Os *grunces*, chamados de negros galinhas, provavelmente, segundo Lima (2004), porque embarcavam, na África, na foz do rio das Galinhas ou Galinas, no Benin, foram trazidos como escravizados e não tinham a mesma cultura que os iorubá/nagô¹. Entretanto, Eugênia Anna, a Mãe Aninha, junto com sua família, sempre esteve presente nos círculos iorubá, tanto que assumiu, como sua nação-de-santo ou nação-de-candomblé, como pertencente à nação nagô². Mãe Aninha tornou-se então uma voz bastante importante dentro dessa discussão, que ainda é significativa e polêmica atualmente.

Compreender tal discussão faz parte do entendimento do quanto o sentimento de pertencimento que a mitologia e a tradição, aprendidos dentro dos terreiros, fortalece as identidades de seus integrantes, por sustentar suas consciências históricas. Assim, ao assumir o pertencimento a uma determinada nação, o seguidor do candomblé passa a se reconhecer como parte de uma tradição bem antiga, o que justifica e legitima sua atuação e sua própria vida, enquanto liderança religiosa e mulher.

1 Os iorubás foram integrantes do último grupo de africanos a chegar no Brasil, já no século XIX, e que se tornou mais conhecido, graças a autores como Pierre Verger, que os tornaram foco de suas pesquisas. É importante destacar que, mesmo que várias etnias fazem parte da população afrodescendente no Brasil, as tradições que prevalecem, especialmente em Salvador, de onde se irradiaram muitos terreiros do país, são as da base iorubá. Percebe-se assim uma construção de narrativa a partir de uma referência única.

2 Nação de santo é um conceito diferente de nação de pertencimento. Dentro da tradição de candomblé, a partir do momento em que um indivíduo é iniciado na religião, mesmo que tenha nacionalidade diferente, passa a fazer parte da nação de santo. No caso da Mãe Aninha, por seus antepassados, ela seria da nação *grunces*, entretanto, ao se ligar à cultura iorubá, em terras brasileiras, passou a fazer parte da nação iorubá, conhecida como nagô. Trata-se, de forma simplificada, de um debate sobre a genealogia dentro das casas de candomblé no Brasil, pois quando alguém é iniciado num determinado terreiro, passa a fazer parte daquela família que, por sua vez, faz parte de uma determinada nação dentro do candomblé. (LIMA, 2004)

A história da Humanidade que, ao longo de séculos foi majoritariamente redigida por homens, tem sido contada pela metade. Mas essa meia-história não se configura como tal apenas porque os machos da espécie humana foram seus exclusivos redatores, mas, principalmente, porque foi registrada e divulgada como sendo história de todos os seres; quando, na verdade, foi concebida e narrada segundo uma ótica muito particular que se convencionou chamar de **universal**, sendo, não apenas parcial, mas marcadamente **androcêntrica**. Trata-se, portanto, de uma história masculina, eurocêntrica, branca e potentada, isto é, uma narrativa **meia-boca**, incompleta, omissa e, até certo ponto mentirosa, uma vez que muitos foram excluídos, ocultados e/ou ignorados, dentre tantos, maior agrupamento social, qual seja, as mulheres. (SILVA, apud CORREIA, 2013, p. 34, **grifos da autora**)

Mãe Aninha foi iniciada no antigo terreiro da Casa Branca, o Engenho Velho, em Salvador, que pertencia a Maria Júlia de Figueiredo. Nesse terreiro, cujo nome na língua iorubá é *Ilê Iyá Nassô*, Mãe Aninha foi iniciada por Marcelina *Obá Tossi*. As fontes não são precisas sobre o momento de sua iniciação, mas tudo indica que tenha ocorrido ainda no século XIX, quando tinha por volta de 16 anos, por volta de 1884 (LIMA, 2004).

Eugênia Anna dos Santos, recebeu como seu *Oruko*³ *Obá Biyi*, e no âmbito dos rituais e do cotidiano era chamada de *Iyá Obá Biyi*. O iniciado no candomblé é simbolicamente renascido e rebatizado, recebendo novo nome, que dá conta de sua ancestralidade e sua identidade dentro do terreiro, a isso se chama *Oruko*. Para compreender melhor, *Iyá* significa mãe, que é a forma como as sacerdotisas dentro do candomblé são tratadas. Daí advém o que na sociedade brasileira é conhecido como mãe-de-santo.

Mãe Aninha fundou o *Ilê Axé Opô Afonjá* em 1895, conforme consideram as pesquisas, na cidade do Rio de Janeiro, transferindo-o, depois, para Salvador, no ano de 1910 (LEITE, 2013), onde se estabeleceu, primeiramente no alto da Santa Cruz, no bairro do rio Vermelho e, posteriormente, para São Gonçalo do Retiro (LIMA, 2004), onde se encontra até os dias atuais. Segundo Lima (2004), não estão claras as razões para a transferência do terreiro do Rio de Janeiro para Salvador.

Eugênia Anna dos Santos (1869-1938), lá *Obá Biyi*, a fundadora do *Ilê Axé Opô Afonjá* (em 1910), foi uma ialorixá de enorme carisma. Era filha de africanos e teve formação religiosa bastante aprimorada com “antigos tios e tias, profundos conhecedores da seita africana”; foi líder religiosa respeitada pelo conhecimento e obediência aos fundamentos do culto; por sua liderança incontestada, sua autoridade, mas também sua compreensão e generosidade para com seus filhos espirituais e amigos. Era uma mulher inteligente, informada e com inegável sensibilidade para o trato com personalidades da vida social e política do seu tempo, habilidades que facilitaram conquistar vitórias importantes para sua comunidade e a sociedade de então. Conviveu e tornou-se amiga de intelectuais, renomados pesquisadores e ativistas políticos, que a ela se referiam com admiração e respeito. Sábia e equilibrada, D. Aninha compreendia a necessidade de colaborar com aquelas pesquisas,

3 Nome que todo integrante do candomblé tradição recebe ao ser iniciado na religião, carregando um significado especial em sua vida, além de um traço de sua personalidade. Dentro dos terreiros, os filhos de santo se tratam por seus *Orukos*.

mas mantinha sob reserva os “fundamentos” que lhe competia preservar da divulgação. Entre estes estão Roger Bastide, Áydano do Couto Ferraz, Artur Ramos, Jorge Amado e principalmente Édison Carneiro. D. Aninha foi descrita por Donald Pierson como uma “preta alta e majestosa, cuja menor insinuação era imediatamente obedecida pelos membros de sua seita... Inteligente, viva de espírito, ágil na conversa, era um dos mais respeitados e obedecidos chefes do mundo afro-brasileiro...” (SANTOS; NÓBREGA, 2000, p. 16)

Mãe Aninha tornou-se *ialorixá* (mãe-de-santo) ainda muito jovem e, devido à sua intensa formação religiosa, dada primeiramente por seus pais e, posteriormente, por sua iniciação no candomblé, conferiu-lhe um profundo conhecimento das tradições iorubás, o que rapidamente transformou-a em uma referência no assunto. A esse conhecimento somam-se os conhecimentos advindos do povo de seus pais, enriquecendo seu repertório. Além de profunda conhecedora, Mãe Aninha foi responsável pela introdução de preceitos e rituais que se transformaram em referência para os demais terreiros da Bahia e, também, de outras partes do Brasil. Essa tradição foi se espalhando e se consolidando enquanto referência identitária para os grupos ligados ao candomblé na Bahia e, depois, em boa parte do Brasil. As tradições iorubás introduzem epistemologias diferentes das europeias, sobre as quais boa parte dos conhecimentos dessas comunidades foram construídas.

A Iyalorixá é uma liderança religiosa, cultural e social que possui duas funções; é a sacerdotisa que medeia a comunicação entre os membros da comunidade e os Orixás, Mãe pelo Santo que deverá cultuar os deuses; é a pessoa responsável por reatualizar a cultura afro-brasileira, de maneira a propiciar que os fiéis da religião, tendo como base a negritude originária do continente africano, e preserve sua identidade, que se encontra na síntese entre a África idealizada e o cotidiano vivenciado pelas pessoas. (SANTOS, apud apud CORREIA, 2013, p. 42-43)

No contexto de sua vivência, nas primeiras décadas do século XX, rapidamente, Mãe Aninha tornou-se conhecida e amiga de vários intelectuais que, especialmente na década de 1930, lutavam para que os povos descendentes de africanos tivessem sua cultura reconhecida e valorizada. Era um profundo debate no qual o Brasil mergulhava acerca da identidade nacional, da miscigenação e da democracia racial, temas esses que ainda alimentam muitas reflexões pelo país afora. Entre tais lideranças destacam-se Edison Carneiro, Arthur Ramos, Donald Pierson, Ruth Landes, dentre outros, brasileiros e estrangeiros inseridos em instituições como o Departamento de Cultura; a Escola Livre de Sociologia e Política; a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a Sociedade de Sociologia e a Sociedade de Etnografia e Folclore, criadas na década de 1930, para formar as elites dirigentes e professores, especialmente em São Paulo (CLARO, 2017; CLARO, 2021). Eram intelectuais profundamente envolvidos com a necessidade de revisar a ideia de identidade nacional brasileira, e promover a inclusão do negro e sua cultura, assim como pensar o papel dos povos indígenas nesse contexto. Tal debate foi decorrente de uma busca pela inclusão dos não brancos no exercício da

cidadania, situação que foi evitada de todas as formas pelas elites dominantes, que herdaram as terras e ratificaram a colonialidade do poder.

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118)

Nesse contexto, Mãe Aninha, como negra e mulher sentindo na pele a dupla exclusão da colonialidade, envolveu-se profundamente nessa luta, tendo participado, na década de 1930, de congressos e outros movimentos com aquela intelectualidade que buscava construir uma nova identidade nacional, verdadeiramente inclusiva e pluricultural. Sua influência foi tão importante, como mulher e negra, que na liderança religiosa, soube conduzir e tornar-se referência para a luta e a resistência de muitos dos defensores das religiões de matriz africana. Junto à intelectualidade da época, Mãe Aninha, sendo apoiada por Oswaldo Aranha⁴, conseguiu que o então presidente do Brasil Getúlio Vargas, promulgasse o Decreto Presidencial 1202 de 1934, “o qual extingue a proibição aos cultos afro-brasileiros em 1934” (SANTOS, 2014, p. 282). Até sua morte, no final da década de 1930, Mãe Aninha teve importante atuação na luta. As suas sucessoras, em especial Mãe Senhora e Mãe Stella de Oxóssi deram continuidade a sua luta, levando seu ideal à concretização, primeiro com a Mini Comunidade *Obá Biyi* e depois com a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos.

Ao longo do século XX, as práticas litúrgicas do Candomblé sofreram inúmeras perseguições advindas de distintos atores que compunham e ainda compõe a sociedade baiana. O estado, o catolicismo e, recentemente, os movimentos neopentecostais bem souberam utilizar-se de estratégias legais e figurações simbólicas com o objetivo de segregar, diferenciar, discriminar e punir o povo de Santo no que concerne ao exercício das liberdades religiosas.

Todavia, é marca, também do século XX, a epifania das religiões de matriz

4 Rio Grande do Sul, 1884 – Rio de Janeiro, 1960. Foi um destacado político gaúcho que ofereceu apoio a Getúlio Vargas durante muito tempo, tendo atuado em vários cargos administrativos, inclusive como ministro, durante o período da Era Vargas. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/oswaldo_aranha Acesso 20 jul. 2021.

africana no tocante a ocupar o patamar de representação simbólica da cultura de um povo e, sobretudo, da cultura de um país. De prática de bruxaria e falsa medicina à arquétipo da mística de um povo, as comunidades de Terreiros oscilaram entre a intolerância e o reconhecimento, entre a estigmatização e a superação exemplar, marcas de um país ainda não ciente da sua grandeza, qual seja, a grandeza do seu povo. (CORREIA, 2013, p. 54)

Mãe Aninha, assim como suas sucessoras no *Ilê Axé Opô Afonjá*, compreenderam e implementaram, através da liderança religiosa, ações de intervenção, resistência e luta para que o povo negro, conquistasse dignidade. Ganharam, assim, através da liderança religiosa, a visibilidade e a notoriedade que a sociedade lhes impôs. A importância do *Opô Afonjá* é reconhecida nacionalmente, pois foi tombado, como Patrimônio Artístico Nacional, pelo IPHAN, no ano de 2000, dada sua representatividade para o povo negro e os seguidores do candomblé no Brasil.

Mulheres guerreiras que construíram seus conhecimentos pautados na vida e na tradição ancestral, até porque os espaços de educação formal, muitas das vezes, lhes foram negligenciados. Os títulos que conquistaram, por certo, não foram de natureza acadêmica, mas de peso religioso conferido por quem de fato tem o poder de conferi-los, quem seja, as divindades.

[...] Foi justamente através delas que suas (seus) descendentes consanguíneas (os) e de Santo puderam conquistar aqueles mesmos títulos acadêmicos que outrora lhes foram negados. Desse modo, o Axé, paulatinamente, vai ocupando os espaços da academia sem bater na porta e sem pedir licença. (CORREIA, 2013, p. 57)

Além de sua reconhecida liderança na luta pela liberdade dos cultos afro-brasileiros, Mãe Aninha entendia que os povos afrodescendentes deveriam ter acesso a todos os direitos, passando pelos políticos, pelos sociais, tendo dignidade de moradia, assim como ao trabalho e à educação, incentivando seus filhos carnais e seus filhos-de-santo, a estudarem e se graduarem. Na visão da mulher pobre, negra, candomblecista, que sentia na pele a marca das múltiplas exclusões que sua condição causou, a educação era uma forma de obtenção dos direitos que foram sequestrados do povo negro, garantindo assim a inclusão de fato na cidadania brasileira.

Toda democratização possível da sociedade na América Latina deve ocorrer na maioria destes países, ao mesmo tempo e no mesmo movimento histórico como uma descolonização e como uma redistribuição do poder. Em outras palavras, como uma redistribuição radical do poder. Isto se deve, primeiro, a que as “classes sociais”, na América Latina, têm “cor”, qualquer “cor” que se possa encontrar em qualquer país, em qualquer momento. Isso quer dizer, definitivamente, que a classificação das pessoas não se realiza somente num âmbito do poder, a economia, por exemplo, mas em todos e em cada um dos âmbitos. A dominação é o requisito da exploração, e a raça é o mais eficaz instrumento de dominação que, associado à exploração, serve como o classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista. Nos termos da questão nacional, só através desse processo de democratização da sociedade pode ser possível e finalmente exitosa a construção de um Estado-nação moderno, com todas as suas implicações, incluindo a cidadania e a

Por seu empenho e convicção sobre a importância da educação, existe funcionando dentro do Terreiro *Opô Afonjá* uma escola, que atende tanto à comunidade do terreiro, ligada à religião, quanto à comunidade do entorno, independentemente da religião que as demais crianças seguem. Trata-se da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, que teve suas atividades baseadas em projeto que teve início em 1978, mantendo-se em funcionamento até os dias atuais. As mulheres negras que sucederam a Mãe Aninha deram continuidade e materialidade ao seu projeto e aquela é uma escola que promove, ao mesmo tempo, a inserção das crianças na cultura branca, permitindo o acesso ao saber historicamente acumulado, como também permite que as crianças mantenham intenso contato com as tradições e os ensinamentos dos povos africanos, independentemente das influências religiosas.

O Candomblé é, além de tudo, um espaço físico e espiritual que, abastecido de espaço ideológico e das tradições, está mais próximo das camadas mais resistentes e conscientes, pois está embutida de um saber tradicional, capaz de levar as pessoas a lutar pelos seus direitos mais elementares, e a reagir contra os que invadem seu espaço social e sagrado. Segundo Joaquim (2001 apud Cunha, 1984), o Candomblé é um modo pelo qual os negros se mantêm iguais num contexto hostil. Em segundo lugar, pela extrema riqueza do sistema de pensamentos Nagô-lorubá. É um panteão, de modo que se reflete quase que perfeitamente na vida social e na vida do indivíduo.

[...] As Religiões de Matrizes Africanas, se organizam em comunidades que propiciam o exercício da cidadania, que consiste no direito das pessoas preservarem suas identidades étnicas, individuais e coletivas, conhecerem as normas e as regras para agirem no cotidiano, aprofundarem sua história, cultura, cultuarem os Orixás. De outra forma implica também submissão à Iyalorixá, que é a autoridade constituída por intermediar a comunicação com os Orixás. (SANTOS, apud apud CORREIA, 2013, p. 40-42)

A MINI COMUNIDADE *OBÁ BIYI* E A ESCOLA MUNICIPAL EUGÊNIA ANNA DOS SANTOS

A Mini Comunidade *Obá Biyi* recebeu esse nome em homenagem à fundadora do *Ilê Axé Opô Afonjá*, Eugênia Anna dos Santos, a Mãe Aninha que, desde a década de 1930, possivelmente em função de sua atuação junto a intelectuais, lutando pela liberdade religiosa e contra o racismo, defendia a ideia de que seus filhos de santo deveriam ser diplomados. Ainda na década de 1930, Mãe Aninha esteve em contato com intelectuais como Edison Carneiro e Jorge Amado, dentre outros, importantes lideranças articuladoras da luta dos negros no Brasil e criou a Sociedade Civil Cruz Santos, que passou a exercer a responsabilidade jurídica do *Opô Afonjá* (MOLINA, 2011, p. 149).



Mãe Aninha do Ilê Axé Opô Afonjá. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mae-aninha-ialorixa-do-ile-axe-opo-afonja/> Acesso 30 Jun. 2021.

REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra (Orgs.). **Pedagogias decoloniais, decolonialidade e práticas formativas na Amazônia**. Curitiba: CRV, 2021.

CLARO, Silene Ferreira. A questão étnico-racial nas páginas da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: retrato de narrativas em disputa. **Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3**. 1ed. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021, v. 3, p. 76-88.

CLARO, Silene Ferreira. As relações entre Brasil e África: reflexões sobre o protagonismo negro. **Educação Integral (INEQ)**, Volume 1, Número 1, Agosto 2016.

CLARO, Silene Ferreira. **Especialização do campo da História**. 1. ed. Saarbrücken, Germany: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

CLARO, Silene Ferreira. História em revista: análise da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo e as discussões acerca da profissionalização no campo historiográfico. In: XIX Encontro Regional de História da Seção São Paulo da ANPUH: Poder, violência e exclusão, 2008, São Paulo/FFLCH-USP. **Anais - XIX Encontro Regional de História: Poder, violência e exclusão**. / Sylvia Bassetto, org. São Paulo, 2008. São Paulo, 2008.

CLARO, Silene Ferreira. Narrativas e saberes do candomblé na construção da consciência histórica: a experiência decolonial da Escola Municipal Eugenia Anna Dos Santos. Simpósio Nacional de História (31: 2021: Rio de Janeiro, RJ) **Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico]: história, verdade e tecnologia** /organização Márcia Maria Menendes Motta. 1. ed. São Paulo: ANPUH-Brasil, 2021.

CLARO, Silene Ferreira. **O Campo do Historiador na Revista do Arquivo Municipal**. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

CLARO, Silene Ferreira. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e mudanças na trajetória – 1934 – 1950)**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2008.

CLARO, Silene Ferreira. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço de construção da nova identidade paulista após 1932. **Anais do XVIII Encontro Regional de História - ANPUH**, realizado entre 24 e 28 de julho de 2006.

CLARO, Silene Ferreira. São Paulo e suas questões expressas nas páginas da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**. Brasília/UNB, ANPUH, 2017.

CLARO, Silene Ferreira. Uma experiência decolonial da Escola Municipal Eugenia Anna Dos Santos: Narrativas e saberes do candomblé na construção da consciência histórica. In: PEREIRA, Denise; BORTOLOTTI, Karen Fernanda. Chave de compreensão da História: cultura e identidades. Ponta Grossa: Atena, 2021.

CORREIA, Marcos Fábio Rezende. **Mulheres de Axé**. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2013.

LEITE, Gildaci de Oliveira. De Iya Obá Biyi a Iya Ode Kayode: reis nascidos para alegrias. **A Tarde**. 12 de setembro de 2013. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/opiniao/materias/1533076-de-iya-oba-biyi-a-iya-ode-kayode-reis-nascidos-para-alegrias> Acesso 30 Jun. 2021.

LEITE, Vanderlei Furtado. **Candomblé e educação: dos Ilês às escolas oficiais de ensino**. São Paulo: s.n., 2006 (Dissertação de Mestrado – Universidade São Marcos).

LIMA, Vivaldo Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. *ESTUDOS AVANÇADOS* 18 (52), 2004.

LIMA, Vivaldo Costa. O candomblé da Bahia na década de 1930. **Estudos Avançados** 18 (52), 2004.

MOLINA, Thiago dos Santos. **Relevância da dimensão cultural na escolarização de crianças negras**. São Paulo: s.n. 2011 (Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da USP).

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf U Acesso 19 jul. 2021.

SANTOS, José Felix dos; NÓBREGA, Cida da (Org.). **María Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora: saudade e memória**. Salvador: Corrupio, 2000.

SANTOS, M. Deoscoredes; LUZ, Marco Aurélio. **O Rei nasce aqui** - Obá Biyi: a educação pluricultural africano-brasileira. Salvador: Fala Nagô, 2007.

SANTOS, Maristela Tomás dos. Iyá Obá Biyi (Mãe Aninha): Centelha Inspiradora ao Efetivo Direito à Liberdade Religiosa. *Revista Da Ejuse*, Nº 20, 2014 - DOUTRINA – 281.

SANTOS, Nadja Antonia Coelho dos. O Candomblé na representação da Iyalorixá. In: CORREIA, Marcos Fábio Rezende. **Mulheres de Axé**. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2013.

SILVA, Maria Salete da. Mulheres de Axé: matrizes de afetividade e de empoderamento constantes. In: CORREIA, Marcos Fábio Rezende. **Mulheres de Axé**. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2013.

SILVA, Sarah Calvi Amaral. Reflexões sobre intelectuais, lideranças negras e os lugares sociais dos afro-descendentes no período pós abolição. **Anais do XI Encontro Estadual de História: História, Memória, Patrimônio**. Rio Grande: FURG, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 47

Afonjá 41, 42, 44, 47, 48, 49

Alunos 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 68, 72, 73

Ambiente 31, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 69, 79

Atividades 26, 48, 56, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74

B

Benedicto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Brasil 7, 12, 13, 15, 16, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 58, 62, 63, 64, 69, 75, 78, 79

C

Cáceres 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59

Caixeiro 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Candomblé 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Cena 57, 77, 79, 80, 83

Cidade 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25, 30, 31, 33, 35, 39, 44, 68, 70, 72, 73, 80, 82

Conhecimento 26, 28, 34, 44, 45, 46, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 73, 77, 78

Covid 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 51, 52, 53, 57, 58, 73

Crimes 1, 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11

Cultural 14, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 37, 39, 41, 45, 49, 50, 56, 57, 63, 64, 65, 69, 80

D

Delegacia 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

E

Educação 24, 27, 30, 41, 47, 48, 49, 50, 54, 59, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 86

Ensino 26, 50, 51, 54, 55, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74

Escrita 13, 14, 39, 77, 80, 81, 82, 83, 84

Espaço 14, 15, 17, 27, 41, 42, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 64, 65, 66, 73, 79

Estudo 12, 13, 24, 26, 27, 32, 51, 52, 53, 58, 59, 61, 67, 68, 72, 73, 77, 78, 79, 83

Estupro 1, 5, 6, 7, 8, 9, 11

Extensão 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

F

Fontes 39, 42, 44, 79, 80, 82, 85, 86

G

Gestão 57, 58, 59, 63, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Graduação 61, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78

H

História 1, 13, 14, 18, 25, 26, 29, 31, 32, 34, 39, 41, 44, 48, 49, 50, 61, 63, 66, 69, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

I

Idade 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 14, 17, 33, 67

Identidade 2, 4, 5, 6, 8, 26, 27, 29, 30, 34, 39, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 62, 79, 80

M

Mãe 2, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Material 17, 26, 27, 32, 33, 34, 35, 77

Mato Grosso 51, 52, 53, 54, 59

Memória 17, 29, 34, 50, 54, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Morte 6, 9, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 24, 46

Município 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 37, 51, 52, 53

Museus 26, 30, 31, 33, 39

O

Opô 41, 42, 44, 47, 48, 49

Oral 34, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

P

Pandemia 13, 15, 16, 17, 19, 22, 24, 51, 53, 58, 59

Patrimônio 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 39, 47, 50

Pesquisa 1, 15, 30, 35, 49, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86

Pesquisador 1, 53, 77, 78, 82, 83

Polícia 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Produtos 29, 34, 35, 36, 37, 38

Programa 61, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 78

R

Religiosa 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50

Rock 77, 79, 80, 81, 82

S

Santos 8, 9, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50

Saúde 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 24, 33, 66, 67, 68, 69, 71, 78

Social 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 37, 44, 45, 46, 48, 51, 53, 59, 61, 62, 64, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 83, 84

Sociedade 5, 17, 18, 21, 24, 27, 28, 29, 30, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 62, 63, 64, 65, 70, 74, 78, 79

U

Universidade 1, 12, 28, 42, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 86

V

Viajante 26, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Vida 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 29, 31, 32, 36, 43, 44, 47, 48, 51, 52, 53, 58, 81

Atena
Editora
Ano 2022



História:

Tempo & Argumento

www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022



História:

Tempo & Argumento

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

www.facebook.com/atenaeditora.com.br

